

# Auto-retrato da prática escolar: Uma História de muitas Histórias e Personagens.

*Nilda de Oliveira Bentes.*

O presente relato é fruto de uma reflexão pessoal construída na realidade escolar, introjetada numa trajetória cujo o foco de atenção é a educação. Talvez único trabalho que eu saiba desenvolver por estar ligado à minha área de interesse.

Iniciei minha vida profissional por volta dos 14 anos quando, no Colégio São José de Óbidos, Pará, cidade onde nasci, fui temporariamente regente de uma turma de Jardim de Infância. Na época, estava cursando o último ano do Normal Regional (curso equivalente ao ginásio) e as irmãs da congregação da Imaculada Conceição (religiosas que gerenciavam o Colégio São José) pediram-me para ser regente de uma turma de Jardim de Infância, substituindo a professora da série que se encontrava ausente da cidade por um curto período de tempo.

Este primeiro aspecto do relato remete a reflexão sobre a minha prática, visando mostrar a identidade que tinha com a pré-escola. Nesse sentido, tenho a dizer que minha memória não registra nenhuma prática adequada à rotina de trabalho na pré-escola, até então. O espaço e o tempo passaram a ser organizados conforme meus poucos conhecimentos de psicologia e didática. Enfim, esforçava-me para atender às necessidades e interesses das crianças. Lembro-me que todos os dias fazíamos uma roda e daí saíam todas as atividades do dia.

A primeira dessas atividades dizia respeito ao ambiente organizacional da rotina diária, os papéis e as funções do sujeito-aluno e do sujeito-professor. Era o momento em que conversávamos e,

nesse encontro uns com os outros íamos decidindo o que fazer naquele dia. Nessas conversas, apareciam as atividades que eram importantes, porque era o que eles gostavam de fazer que parecia se autodeterminarem fazer que servia de conteúdo para nossas aulas do dia-a-dia. Com isso, íamos percebendo as semelhanças e as diferenças, o que, num movimento introspectivo, cada criança enxergava, o que mais gostava, fazendo, assim, as bases do seu auto-conhecimento.

Ao vasculhar essas lembranças, resgato algumas atividades que as crianças e eu desenvolvíamos, como a brincadeira de roda, que era uma constante na rotina diária. Uma outra atividade acontecia quando distribuía brinquedos às crianças e elas os espalhavam pela sala toda, construindo as mais variadas brincadeiras, utilizando o jogo simbólico, a fantasia, enfim, todo o interesse peculiar à sua idade, voltado para o faz-de-conta, muito comum nos jogos e brincadeiras infantis. Após a merenda, as crianças ficavam deitadinhas na esteira, fazendo o repouso. Enquanto isso, eu contava estórias. Lembro-me que algumas crianças dormiam profundamente e a estória funcionava como uma atividade agradável, relaxante, um momento afetivo que filtrava carinho e bem querer, em que o sono sintetizava a significação de tudo que sentiam e expressavam na tranqüilidade de descanso: a quietude e de suas próprias casas.

Uma outra atividade era a "hora da música". Momento em que as crianças cantavam fazendo gestos, reproduzindo certos pontos da música, numa linguagem não-verbal. As crianças criavam seu próprio gesto para imitar os trechos da

música que davam tal ensejo. Ainda lembro de duas músicas, como estas:

*"Lá vem o seu Mané  
Comandando o batalhão  
O macaco vem sentado  
Na corcunda do leão  
O gato faz miau, miau, miau  
O cachorro faz au, au, au, au, au  
O peru faz glu, glu, glu  
O carneiro faz mé, mé  
O galo faz qué, qué, quequeré, que qué.*

Ou esta outra:

*Meu pintinho amarelinho  
Cabe aqui na minha mão  
Na minha mão  
Quando quer algum bichinho  
Com seus pezinhos  
Ele cisca o chão  
Ele bate as asas  
Ele faz piu, piu  
Mas tem muito medo  
Do Cavião."*

Nesse cotidiano de professora, ainda em Óbidos, após terminar meu curso Normal Regional, iniciei trabalho na rede pública de ensino regendo uma turma de 1ª série do primeiro grau. Era um contingente de crianças que não sabiam ler e escrever. Estavam ingressando na escola pela primeira vez. No meu trabalho como alfabetizadora usava o método silábico e conseguia fazer com que as crianças fizessem progressos. Gostava muito de alfabetizar crianças.

Paralela a essa atividade, trabalhei com educação física no curso Normal Regional. Lembro-me que o bispo de Óbidos pediu aos meus pais para eu fazer um curso de Educação Física em Fortaleza. Lá aprendi várias modalidades de ginástica, entre elas feminina moderna. Essas modalidades tem como característica movimentos graciosos e molejos que fazem dessa modalidade um exercício bonito, de muita graça. Eu percebia que eram momentos agradáveis. Minhas alunas, já adolescentes, avaliavam a aula como muita boa. Diziam gostar muito porque não economizavam sorrisos e tudo contribuía para nossas aulas serem espaços prazerosos e muito agradáveis.

Após essa época, já na década de 60, dei-

xei minha cidade de Óbidos e vim para Belém. Comecei a fazer o curso Magistério do 2º Grau que, na época, tinha o nome de Formação de Professor Primário. Esse curso até então não era chamado de 2º Grau, mas de Colegial. Foi realizado no Colégio Visconde de Souza Franco, hoje Escola Estadual de 2º Grau Visconde de Souza Franco. Este colégio situa-se a Av. Almirante Barroso e a meu ver é a melhor escola de Belém haja vista a seriedade e responsabilidade com que formam pessoas para exercer suas atividades junto a comunidade.

Concomitante a esse curso, continuei a trabalhar na rede pública de ensino. Lembro-me de que a primeira escola em que exerci minhas atividades ficava no bairro da Cremação e chamava-se Escola Mário Chermont, que até hoje existe. Também, nessa escola, continuei alfabetizando crianças. Uma coisa, porém, me intrigava no ambiente escolar. Era a relação de medo que existia entre mim, a diretora e a supervisora. Eu me observava com uma prática silenciosa e formal para com elas. Era falante e alegre nas suas ausências, mas quando elas estavam por perto sentia o perigo iminente - medo. Isto me levou a pensar que nem tudo na escola estava certo, mas que podia ser diferente.

Neste contexto, fui construindo minha prática pedagógica, longe da autoridade, mas junto dos meus alunos, falante, criativa, espontânea, sempre buscando o novo com muita ousadia. Nesse sentido lembro-me que o Curso de Formação do Professor Primário me dava bons conteúdos de Didática, Psicologia e Filosofia para melhorar e fazer avançar o meu fazer de alfabetizadora. Eram como luzes que vinham de várias direções e minha prática pedagógica ganhara nuances de qualidade.

Mas nem tudo se revelava tão simples: a evasão, o excesso de faltas, a minha impotência frente as crianças que faziam poucos avanços, os meus próprios bloqueios em não saber como fazer para que todos fizessem progressos, me deixavam desanimada. Muitas vezes fui autoritária, economizava o riso, assumia expressões faciais duras, dirigia-me aos alunos com uma linguagem distante, estranha e percebia que nesse momento meus

alunos ficavam em conflito e poderiam se perguntar: Que professora é essa?

Imediatamente procurava ser dócil, amiga deles. Queria tanto ser uma professora “adaptada” ao contexto social, queria ser moderna, um modelo novo de professora, pois percebia que os alunos também sentiam por mim um misto de carinho e medo. Isto me angustiava por essa situação tão clara na minha consciência.

Para mudar de atitude buscava ir ao encontro de essência do ser, do eu-individual, do sujeito cognoscente, por acreditar que a aprendizagem é gradual e construída pelo sujeito do conhecimento. Ele é o seu próprio arquiteto e, por isso, deve-se respeitar a individualidade e a história de vida desse ser, capaz de refletir e se encarregar da sua própria aprendizagem, capaz de aprender.

Para estabelecer um clima de aprendizagem, usava muito material didático para que, a partir da condição semi-concreta, pudesse atingir o nível cognitivo, o processo de aquisição da aprendizagem. Minha sala de aula era então muito colorida e guardava um aconchego muito bom e propício à aprendizagem.

Uma coisa, porém, me intrigava: observava que minha prática não se diferenciava. Minhas aulas continuavam a ser através do método silábico embora tivesse, por várias vezes, tentado experimentar o método do conto porque gostava de contar histórias para as crianças, mas não conseguia fazer a ponte e levar a aprendizagem ao aluno. Então voltei para o método silábico por ser este método o que me fazia entrar em sintonia com as crianças e ficar gratificada pela percepção de seu processo de apropriação do conhecimento, através das lições de aula, conseguindo, gradualmente, através de pequenos mas constantes avanços, formar palavras novas e construir um novo vocabulário.

Trabalhando na rede pública de ensino na década de 60 - 70, fui transferida para uma escola bem próxima de casa. Era a escola anexa ao Colégio São Paulo, situado à Trav. Antônio Baena, gerenciada pelas irmãs Angélicas. Nessa escola anexa, as irmãs mantinham salas para crianças

pobres, da alfabetização à 5ª série do 1º Grau.

Guardo na lembrança que só fui admitida naquela instituição através da alma bondosa da Irmã Domitila que, atendendo ao meu pedido, fez tudo e conseguiu minha lotação junto à Secretaria de Educação. Nessa escola, fui surpreendida pela fragilidade do meu fazer de alfabetizadora e a prática anteriormente vivida por mim, como algo que me realizava, se revelou impotente. É que na escola uma criança multirrepetente não fazia avanços. Seu nome era Vera. Até hoje tenho gravada na memória a dificuldade dessa criança. Não conseguia aprender a ler. Apresentava dificuldade para leitura e escrita, mas era uma menina viva, alegre, que gostava de mim. Entretanto, não conseguia ler e nem escrever. Foi nas aulas do Curso de Pedagogia da UFPA., que eu começara a frequentar naquela época, que vim a me dar conta da singularidade de seu problema. Vera talvez fosse uma criança disléxica. Ao tomar conhecimento de um possível diagnóstico para o seu quadro, Vera já não era minha aluna. Procurei muito essa criança, mas jamais a encontrei. Sua lembrança ainda hoje é uma marca que me predispõe a fazer uma análise do quanto a crença que eu tinha da eficácia da minha prática era ilusória. Penso o quanto, provavelmente, devo ter contribuído para a dominação e o desenvolvimento de atitudes de submissão e subserviência, o quanto eu deveria estar contaminada pelos viés preconceituoso de alguém que “lava as mãos e usa, na prática, na prática, o “gesto de Pilatos”. Queria muito saber de Vera... Ainda hoje esse caso mexe comigo porque muito pouco fiz por ela. Muitas vezes me faltou paciência. Mas também me lembro que, mecanicamente, de tanto insistir com ela, um dia leu para mim com muita alegria:

“A Eva viu a uva”.

Ela era tão sapeca, parecia sadia, mas eu não conseguia atingi-la e, quem sabe, deve ter ficado muitas vezes muito humilhada e envergonhada. Que efeitos isto deve ter causado na sua intimidade?

Ao pensar nestes momentos, tão dramáticos, sinto minha alma tão amarga que tenho von-

tade de voltar no tempo, pegar a caixa de roupas de bonecas e costurar as minhas derrotas, as minhas angústias e silenciosamente ir apagando o que minha insensibilidade impediu de tocar e pedir perdão à você Vera. Hoje eu tenho condições de cuidar de você. Apareçal

Não é difícil compreender que tinha que continuar, mas não mais fazendo vítimas. Justifiquei pra mim mesma, como cidadã que não se deixa abater, que devia continuar a minha prática.

Assim, da Escola anexa ao Colégio São Paulo, pedi minha transferência para a Escola Estadual Paulino de Brito. Também nesta instituição trabalhei com a primeira série do 1º Grau, mas logo passei a exercer um trabalho técnico com a Orientadora Educacional da escola. Entretanto, a função de orientadora educacional foi por pouco tempo. Fiz um novo vestibular e fui aprovada para o curso de Psicologia. Então voltei à Universidade e deixei temporariamente de trabalhar na rede pública de ensino.

Para cursar Psicologia, pedi licença sem vencimentos por dois anos. Durante esse período, também passei a lecionar no 2º Grau, no Colégio Gentil Bittencourt, ensinando Psicologia para o curso de Magistério do 2º Grau, e no Colégio Santa Rosa, Administração Escolar, também para o Magistério de 2º Grau.

Ao terminar meu curso de Psicologia, passei a trabalhar na Secretaria de Estado de Educação, no Departamento de 1º Grau. A função de psicóloga só passei a exercer após haver sido aprovada no concurso para psicólogo, realizado na rede pública de ensino. Trabalhei então junto à equipe de Supervisão Escolar e Orientação Educacional. Um dos meus primeiros trabalhos foi junto a crianças tri, tetra e penta repetentes. Eram crianças que pertenciam ao Projeto Avante. Este projeto tinha por objetivo trabalhar crianças que haviam ficado retidas na primeira série. Perdi noites de sono sem saber como conseguir que essas crianças avançassem. Todos os casos que nesse programa não se conseguia fazer avançar, ou seja, não conseguia aprendizagem, eram encaminhados para mim e eu, sozinha, nada podia fazer com elas. Eu revisitava,

então, as teorias psicológicas que diziam respeito à atuação do psicólogo escolar, sobre como trabalhar com a prevenção e com a organização de classe homogêneas. Eu desenvolvia treinamento em serviço com os professores envolvidos no projeto. Lembro que trabalhava junto com os professores, discutindo com eles teorias de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem. Baseava-me em autores como Ausubel, Piaget, mas o contato com a realidade escolar exigia muito mais que o emprego de teorias, colocando em xeque o meu fazer de psicóloga. Lembro-me que tentávamos trabalhar a aprendizagem significativa, a aprendizagem de conceitos, procurando fazer uma adequação a nível de jogos dos conteúdos de programa, fazendo uma ponte com a teoria piagetiana. Nosso esforço era quase nada comparado com o número de crianças que continuavam quase que paradas, que não venciam as dificuldades de leitura e escrita.

Na época eu procurava atingir os pais. Mas, via de regra, eram pessoas cansadas. Muitos viviam em condições subumanas. Eram produto de uma sociedade dividida em classes, representavam uma população sofrida que, muitas vezes, tinha que deixar seus filhos sem assistência para conseguir o mínimo necessário para sobreviver.

Buscávamos uma teoria de Retenção da Aprendizagem porque todos nós, professores e equipe técnica, acreditávamos que toda criança é capaz de aprender. Entretanto, um aspecto me chamava a atenção. A questão da humilhação e da vergonha que essas crianças sentiam na sua intimidade. Faltava confiança para falar a alguém dos seus problemas e se calavam, ficando velada a sua intimidade. Parecia haver um julgamento moral muito forte nessas crianças, que as intimidava. Via de regra, já não lutavam mais para aprender. Era fácil perceber que se sentiam inferiores aos colegas. Não tinham confiança nos pequenos avanços que faziam. Quando conseguiam verbalizar alguma coisa, ou faziam de cabeça baixa, com pausas e, às vezes, escondiam o rosto com as mãos para ensaiar um pequeno desabafo da situação dolorosa em que viviam na sala de aula por não conseguir chegar ao nível da turma.

Essa situação sempre me chamou a atenção e me deixou com muitas interrogações. Lembro-me que, na época, eu procurava encorajá-los e dava à professora essa mesma orientação. Buscávamos, através do ensino diversificado, trabalhar com as turmas em sistema de rodízio para ver se, junto com elas deflagrávamos a aprendizagem e o acesso ao conhecimento. Para isso, na primeira parte da aula a professora atendia uma turma. Organizávamos o espaço da sala de aula de tal maneira que esse arranjo físico permitisse fixar à frente os alunos que receberiam atendimento direto da professora. Concomitante, a outra turma ocupava-se desenvolvendo atividades que podiam resolver sozinhos, seja com atendimento indireto do professor (exercícios previamente planejados pela professora), seja pela elaboração pelas crianças dos seus próprios exercícios, ocasião em que demonstravam seu auto-conhecimento sobre determinado conteúdo.

Na segunda metade da aula, ocorria o rodízio da turma: os grupos de crianças trocavam de espaço físico, ou seja, o grupo que trabalhava com atendimento indireto do professor passava a receber atendimento direto, enquanto que o outro grupo, ocupava-se com sua auto-aprendizagem, elaborava seus próprios exercícios ou então desenvolvia tarefas previamente elaboradas pela professora.

Por outro lado, na hora da execução de atividades independentes, ocasião em que as crianças elaboravam suas atividades, demonstrando o que realmente haviam dominado, ou quando tinham que demonstrar desempenhos nas atividades previamente organizadas pela professora, tinha-se o cuidado de pedir atividades que as crianças fossem capazes de fazer sozinhas. Eram livros auto-ditados de palavras já fixadas e muito bem assimiladas, escritas de vogais enfim, situações que supunha-se haverem dominado. Com isso dava-se oportunidade a elas de se auto-gratificarem com o acerto.

Este trabalho não era desenvolvido em todas as escolas. Cada técnico se utilizava de procedimentos pedagógicos que julgasse estarem mais

próximos de atender à clientela. Pensávamos, ao se procurar trabalhar as diferentes realidades de acordo com a experiência do técnico responsável pela escola, na verdade, atender às peculiaridades locais e, assim, perceber as diferentes realidades com seus problemas próprios e a cotidianidade do meio social em questão.

Minha prática com crianças multirrepetentes não se revelava tão simples. O psicólogo sozinho não podia resolver todos os problemas imediatamente como, via de regra, era exigido dele. Em primeiro lugar nenhum problema tem solução rápida. Sua natureza é complexa, precisando-se de tempo para se atingir seu desvalamento. Em segundo lugar, se o psicólogo cair nessa armadilha e procurar dá respostas rápidas às questões que a ele se apresentam, corre o risco de não realizar nada, a não ser chegar à exaustão. Os problemas têm várias facetas que só podem ser atingidas se trabalhadas nas suas múltiplas determinações, com a ajuda mútua de vários profissionais, numa relação de reciprocidade, ou seja, onde os vários focos trazidos pelos vários profissionais apontem para um ponto onde os profissionais concordem e cooperem entre si, ocorrendo assim a aglutinação do saber. Quando isso não ocorre, necessariamente o trabalho não avança e o profissional fica descreditado. Criam-se julgamentos negativos e, em geral, esse profissional sofre críticas severas.

O trabalho desenvolvido pela equipe do projeto avante, na qual me incluo, era realizado através da aplicação de várias técnicas. Cada técnico, seja o psicólogo, o orientador educacional, o supervisor, o professor especialista de área, o assistente social, o sociólogo, enfim, toda a grande equipe, apesar de não funcionar num trabalho com características interdisciplinares, guardava em comum, a meu ver, uma concepção de homem. Não acreditávamos que o sucesso ou o fracasso fossem determinados pelas potencialidades diferentes que cada indivíduo traz ao nascer. Também não acreditávamos que a diferença social e econômicas pudessem ser explicadas pela capacidade individual ou pelos interesses individuais, mas ao con-

trário, as diferenças sociais e econômicas têm a ver com o fato de pertencermos a uma sociedade de classe, sendo a posição do indivíduo, fruto, portanto da sua origem social. Assim, suas dificuldades de leitura e escrita não se inscreveriam como conseqüências de causas individuais, mas seriam resultado de todo um processo que envolve questões maiores, como as desigualdades sociais, econômicas e culturais. Este quadro, acrescido dos problemas internos da escola com currículo, relação professor-aluno, metodologia, enfim, talvez fossem os maiores responsáveis pela multirrepetência da grande maioria dos alunos.

Ultimamente por volta de 1987, tive que deixar o meu trabalho no Colégio Gentil Bittencourt, onde trabalhava com a disciplina Psicologia, no curso de Magistério do 2º Grau. Nesse ano prestei concurso na Fundação Educacional do Estado do Pará. Nesse ano também estava sendo criada a Faculdade de Educação do Pará (FAED). A Fundação estava selecionando seu corpo docente. Fui aprovada e passei então a trabalhar com a disciplina Psicologia Educacional, no curso de Pedagogia, nas habilitações Magistério, Educação Especial e Administração Escolar. Dentro das minhas reflexões a cerca dessa disciplina se põe como questão central o como ensinar Psicologia para professores. Nesse movimento, é necessário repensar uma psicologia para questões nossas, e, talvez, nossa primeira aula para professores deva ser a reflexão de que toda criança é capaz de aprender.

Na Secretaria de Educação, no Departamento de 1º Grau e, mais precisamente, na Divisão de Avaliação de ensino de primeiro grau, onde trabalho ultimamente na função de psicóloga numa equipe interdisciplinar, vejo o meu trabalho com grande possibilidade de se realizar de maneira significativa. Nessa equipe, quando realizamos debate, reuniões, acerca do trabalho de avaliação de aprendizagem, vejo que tenho muito a contribuir, e a disciplina Psicologia muito para contemplar. Lembro que a maior parte do tempo trabalhamos com uma pesquisa do MEC realizada em quase todo o país sobre as condições de ensino e a qualidade deste.

Entre muitas perguntas que me faço, está, em primeiro lugar, a maior de todas, a grande pergunta: o que a Psicologia tem a ver com isso? Em que medida a Psicologia está contribuindo?

Nessa perspectiva, A MINHA PRÓPRIA QUESTÃO, que há muito tempo carrego e que está no meu pensamento, nas minhas reflexões sobre ensino, aprendizagem, avaliação, relação professor-aluno, tem a ver com as crianças que sofrem SANÇÃO educativa, quando são pegadas colando, quando são reprovadas, quando não apresentam desempenho a nível da turma no dia-a-dia na seu cotidiano escolar.

A questão a que me refiro está relacionado com a moral da intimidade. Considera o sujeito-psicológico nos seus processos interpessoais, na relação com o outro, quando se defronta com a humilhação e a vergonha, via de regra, quando sofre uma sanção educativa. Em que situação ficaria o sujeito que aprende? Como se dá a sua relação com o mundo? Como fica a sua organização interna e externa, ou melhor, sua subjetividade?

Ela é um ser no mundo que interage com os professores com o conhecimento, num lugar especial que é a sala de aula. De que forma, então, se relaciona com o mundo da escola que o agride, que o faz ficar envergonhado e humilhado em sua sala de aula? Como isso é elaborado? Como é a intimidade desse sujeito que incorpora os "problemas", as dificuldades as deficiências?

Parece-me que trabalhar essa questão requer uma nova ética. Uma nova escuta. Uma nova posição frente ao mundo. Seria preciso procurar criar vínculo com o outro ser para entender seu mundo subjetivo. Procurar compreender questões com auto-imagem, confiança, enfim, compreender o ser no que lhe é mais íntimo, talvez o eu "afetado" por sentimento de vergonha e pela humilhação sofrida. É preciso recuperar o princípio da escuta para revisitar o mundo vivido, afetado na sua intimidade.

Digo que nesse sentido, é necessário resgatar a fala dessas crianças, entender melhor esse

“calar de si”, resgatando o seu desejo que, acho, não é diferente de toda criança que consegue fazer sucesso, fazendo emergir uma realidade interior positiva, que busca conhecimento de si, que reflete individualmente ou em grupo, que modifica suas percepções sobre o conhecimento e a rede de relações que se estabelecem construindo um conhecimento seu, aprendendo a aprender.

Sinto que o psicólogo ainda não conseguiu fazer um trabalho de troca, um trabalho em parceria. A questão da atuação do psicólogo nas equipes passa muito pela aspecto da patologia da conduta. Ele é visto como alguém que está na equipe apenas para atender o “aluno problema”. O aluno que precisa de um atendimento individual. Ele é alguém que é até desnecessário na equipe se não fizer seu trabalho clínico, pois para ele só resta dar soluções para as patologias, como: aluno que não aprende, o hiperativo, o aluno que cola, que não faz os deveres, falta às provas e/ ou exames, que rouba, que não tem atenção.

A questão que se coloca para ele, é de ser o solucionador de questões complexas que extrapolam o fazer de um profissional. Ele sozinho nesse “fogo cruzado”, jamais apontará soluções. Então, via de regra, é rotulada como alguém que perde a sua identidade ao trabalhar com questões de ensino.

As características, ou melhor, as premissas de um trabalho interdisciplinar ainda não são claras no fazer das equipes. A busca em conjunto, da intercomplementaridade pela aglutinação de pontos comuns, ou seja, a cooperação no sentido de que algo mutuamente se conserve, para se chegar a um acordo para os problemas em questão, ainda não chega a ser o objetivo comum da equipe.

Nesse quadro, não sinto que a questão passe pela ausência de uma identidade do psicólogo ao lidar com a questão pedagógica.

A idéia que tenho é a identidade se forma no cotidiano do trabalho. É a própria natureza do profissional, ao se sentir capaz de fazer um trabalho na área da educação, não só porque se sente atraído pelos problemas da área, mas porque tem

sintonia e consegue sincronizar a teoria psicológica com a prática, em um fazer condizente com a questão em foco que, no caso, é educação. Esse gostar, esse sentir-se atraído, essa busca e o envolver-se na questão é, a meu ver, identificação.

No caso do psicólogo, o fato da psicologia contemplar fortemente o pedagógica, ou seja, o caso da psicologia ter bases muito fortes para questões como aprendizagem, relação com o outro, desenvolvimento humano, motivação ligada a interesse, auto-realização, enfim, sentimentos e emoções, mostra que é um contra-senso pensar que o psicólogo, atuando na área pedagógica, estaria “fora do lugar”. Ao contrário, as relações de fronteira entre a psicologia e a pedagogia, a meu ver, só podem aproximar esses campos a esses profissionais. Nesse sentido é falso supor que o psicólogo perde a sua identidade trabalhando com educação. Na verdade já existe, a priori, uma identidade do psicólogo com a questão da educação.

Acredito que a atuação do psicólogo escolar, só poderá ocorrer com a interdisciplinaridade. Vejo a sua ação ligada à educação, seja como profissional de saúde ou como agente de mudança, ou ainda como visualizador da preventividade na escola, como de grande importância, mas isso só poderá ocorrer se trabalhar com uma interlocução diferenciada com outros profissionais. Só com o outro, com a troca, com a parceria é possível emergir uma atuação eficaz junto a uma ação grupal e não solitária.

Não se trata aqui que, ao inventar novas técnicas, o que se pretende é presentificar o velho, tornando-o novo, para que se possa vivenciar uma relação grupal, aproximando elos, dando-se as mãos em parceria, reinventando a prática que, revitalizada, recupera aspectos cognitivos, emocionais, físicos, históricos, etc. Numa estratégia que remete à questão profunda do autoconhecimento, tendo por base a ampliação gradativa da visão de mundo, que ajuda a conhecer melhor a intimidade de si mesmo, fazendo o sujeito desvelar-se para si próprio e contribuindo, com a troca para o desvalamento do outro.